

O Brasil no novo cenário econômico

O Brasil venceu a crise cambial com excepcional velocidade, e isso é reconhecido internacionalmente. Mas está preparado para acompanhar a economia global? Esta dúvida pode não ser nova, mas se torna bem mais forte para quem acompanha de perto, por alguns dias, debates como os do Fórum Econômico Mundial, em Davos. O encontro deste ano é dominado por três questões: 1) os impasses da globalização depois do episódio de Seattle, quando fracassou o lançamento da nova rodada de negociações comerciais; 2) o impacto das novas tecnologias em todas as dimensões da vida social; 3) os papéis do governo e do setor privado na chamada nova economia.

A importância atribuída ao primeiro grande tema, associado a questões sociais, pode causar uma impressão enganosa. Alguns podem imaginar que a globalização está entrelaçada e que as manifestações de rua de Seattle e mesmo de Davos sejam um sintoma claro dessa mudança. Mas ninguém se iluda. A Rodada do Milênio pode estar congelada, por enquanto, mas a economia global continua a transformar-se em ritmo acelerado, com mais inovações tecnológicas, novas megafusões de empresas, reorganização do sistema financeiro e assim por diante.

A função dos governos está sendo reconsiderada, depois de alguns anos de ênfase predomi-

nante na redução do papel do Estado. Mas não está ocorrendo nada parecido com um recuo. Tanto o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, quanto o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, falaram longamente sobre a responsabilidade dos governos e sobre os aspectos "sociais" da globalização. Mas ambos situaram suas preocupações, muito claramente, no cenário de uma economia mundial cada vez mais integrada e sujeita a duras condições de competição. O recado é simples: podem-se rediscutir as regras do jogo, mas o jogo é o mesmo e tem de continuar e continuará e nenhum político de governo poderoso tentará detê-lo. Ao contrário: ambos conclamaram os governos de todo o mundo a retomar as negociações para maior expansão do comércio internacional.

Essa expansão interessa ao Brasil e isso tem sido afirmado freqüentemente por autoridades brasileiras. O Brasil tem, naturalmente, interesses próprios em relação ao comércio e sua diplomacia deverá defendê-los. Seria monumental ingenuidade acreditar que os vários governos se apresentarão às negociações, simplesmente, e farão todas as concessões neces-

sárias para liberalizar o comércio, sem barganhar duramente. Mas é igualmente ingênuo imaginar que o Brasil, mesmo negociando condições comerciais bastante razoáveis, possa beneficiar-se da expansão do comércio, nos próximos anos, sem se preparar para o jogo mais duro.

A dureza do jogo é determinada, e continuará a sê-lo, pelos detentores da tecnologia mais avançada e do maior estoque

de conhecimento, embutido tanto em equipamentos quanto em pessoas. Esses detentores de conhecimento podem fixar tanto as condições de competição em setores considerados novos, como os serviços de informação, quanto em áreas descritas, indevidamente, como tradicionais, como a agricultura. Aí está a revolução genética, para quem precisar de algum exemplo.

Pouco adianta o Brasil brigar pela abertura dos mercados agrícolas, se estiver despreparado para se utilizar da última novidade tecnológica. Não se trata, necessariamente, de produzir organismos geneticamente modificados, ou de usar, de forma inevitável, este ou aquele recurso, mas de ter condições de optar, a par-

tir de uma avaliação das possibilidades disponíveis. Num país sem conhecimento acumulado as possibilidades de obter vantagens no jogo mundial são restritas.

Estamos nos referindo ao problema da educação. Investir na formação de pessoas deixou de ser visto, há muito tempo, como política estritamente "social". Ainda era possível, até há algum tempo, ocupar algum espaço no

**Um país que
não acumula
conhecimento
não terá
vantagens
estratégicas**

mercado mundial mesmo com mão-de-obra de precária formação. Esta possibilidade é hoje muito menor e está-se esgotando com grande rapidez. Novos padrões mundiais estão sendo consolidados. Esses padrões são cada vez mais distantes daqueles disponíveis em países como o Brasil, onde as estatísticas ainda disfarçam o analfabetismo funcional.

O Brasil não foi notícia em Davos, neste ano, e houve quem achasse isso muito bom. As poucas menções ao País foram para reconhecer a rápida superação da crise. Mas isso é contentar-se com quase nada.